

COLAPSO

CENA 1. INT. QUARTO DE ALBERTO - DIA

ALBERTO, 45 anos, está deitado. O relógio marca meio-dia e meia. O termômetro na parede, 32 graus. Ele parece não ter vontade de levantar. Está suado, mal-barbeado, sem camisa. Com desânimo, Alberto seca o suor do rosto com o lençol e revira-se na cama, tentando dormir mais um pouco. Aperta os olhos, esconde a cabeça no travesseiro, mas não consegue. Impaciente, ele olha para o relógio, depois observa o quarto desarrumado. O aparelho de ar condicionado está com o painel aberto, com fios à mostra. Ao lado, uma caixa de ferramentas aberta. Chaves de fenda, alicates e fios pelo chão. Há muitos jornais e roupas espalhados, copos, prato e talheres sujos, uma embalagem de pizza. Alberto parece estar dominado por um enorme cansaço. Ao correr os olhos pelo quarto, ele observa a luz que se infiltra pela fresta da persiana. Seu olhar se detém em uma prateleira, onde a luz que se infiltrou pela janela ilumina um objeto. É um ursinho movido a corda, com uma camiseta na qual se lê "Te amo". Alberto faz uma expressão de desdém. Com dificuldade, levanta-se e dirige-se ao bichinho. Agora, ao olhar para o brinquedo em sua mão, Alberto tem uma expressão melancólica.

2. INT. SALA DO APTO. DE ALBERTO - DIA

Um pequeno presente está sendo desembulhado. É o ursinho, e quem desembulha é Alberto. Ao seu lado, CLARISSA, 35 anos, olha para ele, sorrindo. Os dois estão em um sofá, embaixo de um cobertor, bem agasalhados e próximos um do outro. Alberto abre um sorriso ao ver o presente:

ALBERTO

Que bonitinho. Parece você.

Alberto beija a mulher, que passa a falar com carinho e um pouco de malícia:

CLARISSA

Parece comigo, é? E aí, você gostou?

ALBERTO

Adorei. Muito gostosi...uma gracinha!

CLARISSA

(enquanto ele dá corda no brinquedo)
Tem que dar corda sempre, senão ele pára.

ALBERTO

Pode deixar que eu vou continuar dando muita, muita corda.

Ele coloca o bichinho na mesa de centro e observa, encantado, seu movimento.

ALBERTO

Coisa mais bonitinha.

Então, olha do mesmo jeito para Clarissa e a beija de novo, dessa vez longamente. Na mesa, o bichinho caminha mais um pouco. Depois pára, bem na beirada.

3. INT. QUARTO DE ALBERTO - DIA

Alberto olha com tristeza para o ursinho. Dá corda e o coloca sobre a prateleira novamente, mas o brinquedo não anda. Ele dá uma batidinha nas costas do bichinho. Nada. Sacode um pouco, dá mais corda e o coloca de volta no lugar. Nada. Alberto ri com amargura e se deixa cair novamente na cama, após repetir com ironia:

ALBERTO

Tem que dar corda. Tá bom.

O vento empurra a veneziana do quarto, que estava semi-aberta e pela qual passava o raio de sol que iluminava o bichinho. Agora, o brinquedo e o quarto estão na penumbra. Alberto aperta os olhos. Abre-os de novo, olha para a janela e levanta para abri-la um pouco, enquanto observa o ursinho. Ele cria, então, o mesmo efeito de luz, iluminando seu presente. E novamente joga-se à cama. Olha alguns minutos para o ursinho e aperta os olhos.

4. INT. QUARTO – DIA

O rádio-relógio marca 14h30min. O termômetro de parede marca 35 graus. Alberto abre os olhos e olha para seu relógio de pulso. Olha para o termômetro, depois para o ar condicionado estragado, suspira e levanta-se com má vontade.

5. INT. BANHEIRO - DIA

Alberto abre a torneira. Um pequeno filete de água é substituído por poucos pingos e, depois, mais nada. Ele tenta abrir mais um pouco, testa a torneira de água quente, mas não tem sucesso. Tenta o chuveiro, mas é inútil. Pega o chuveirinho e, com o resto de água que ficou na mangueira, ele lava o rosto e suspira. Pega uma toalha de um cesto de roupas para secar-se. Coloca a toalha no trinco da porta, onde estava uma camiseta regata, que ele veste. Ao ouvir um cantarolar, Alberto olha pela basculante.

6. EXT. ÁREA DO APTO. VIZINHO - DIA

Alberto vê uma MULHER GORDA, de 40 anos, na área do apartamento em frente, lavando roupa. Com bastante água. Ela canta a ária *Addio del passato*, da ópera *La Traviata*, enquanto trabalha.

7. INT. BANHEIRO - DIA

Alberto estranha e gira o registro geral, na parede do banheiro. Nada de água. Triste, Alberto encosta-se na parede e observa o chuveiro: mais recordações.

8. INT. BANHEIRO - NOITE

Alberto e Clarissa tomam banho juntos. O clima é de intimidade e de cuidados mútuos: ele lava as costas dela, ela lava os cabelos dele. Fazem cócegas um no outro e riem muito.

9. INT. BANHEIRO - DIA

Desanimado e só, Alberto olha o chuveiro, do qual não sai água. A voz da mulher gorda, cantando *Addio del passato*, fica ainda mais alta.

10. INT. SALA - DIA

Alberto se atira no sofá olhando para o teto, onde o ventilador está desligado. Com a testa suada, ele se levanta e puxa a cordinha do ventilador, mas ele nem se mexe. Alberto testa, no interruptor, se faltou luz. A luz acende normalmente. Ele apaga a luz, intrigado. Seca o suor com o braço e sai em direção à cozinha.

11. INT. COZINHA - DIA

A pia está cheia de louça suja e há muitas moscas. Alberto espanta as moscas, tenta a abrir a torneira, mas mais uma vez é mal sucedido. Fecha a porta da máquina de lavar louça, também cheia, tenta ligá-la, e nada. Ele abre o refrigerador, quase vazio, e fixa os olhos na luz interna que também acende normalmente. Pega a única garrafa com água, bebendo no bico quase metade do conteúdo, enquanto observa a geladeira vazia.

12. INT. COZINHA - DIA

A mesma geladeira está limpa e cheia. Frutas, uma torta de morangos com nata, guloseimas, vinhos, champanha. Alberto pega uma garrafa de champanha e uma bandeja de prata cheia de canapés. Ao seu lado, está Clarissa. Ele veste terno e gravata, ela um vestido longo.

ALBERTO

Primeiro a nossa festa particular.
Depois a gente vai pra lá. Topa?

CLARISSA

Claro que topo. Tu é demais.
Acho que eu não mereço tanto...

13. INT. COZINHA - DIA

Alberto olha a garrafa pela metade e coloca de volta na geladeira vazia:

ALBERTO

Também acho.

14. INT. SALA - DIA

Alberto pega o controle remoto e tenta ligar a televisão. Não funciona. Seu olhar é impaciente. Ele verifica as pilhas e, indignado, percebe que tinham vazado. Abre a gaveta, limpa o aparelho, troca as pilhas, mas ainda assim o controle não funciona. Depois de atirar o controle remoto em cima do sofá, ele vai até a TV e tenta ligá-la. Nada. Seu olhar agora é preocupado. Com alívio, ele percebe que o fio não está conectado na tomada. Sorri. Após conectá-lo, Alberto tenta ligar novamente o aparelho, e novamente ele não liga. Novo teste no interruptor, mas não está faltando luz. Alberto vai até a janela e olha para fora.

15. EXT. JANELA DO APARTAMENTO EM FRENTE - DIA

Ponto de vista de Alberto: no prédio em frente, um VIZINHO, 30 anos, vê televisão, tomando cerveja.

16. EXT. EM FRENTE AO EDIFÍCIO - DIA

Agora Alberto olha para baixo. Na rua, em frente ao seu edifício, há muito movimento: uma ambulância, DOIS ENFERMEIROS carregando uma maca para seu prédio, dois carros de polícia, QUATRO POLICIAIS, CURIOSOS atrás de uma fita de isolamento, uma REPÓRTER DE TV, um CÂMERA e um OPERADOR DE VT em atividade.

17. INT. SALA - DIA

Alberto estranha. Fecha a cortina da janela e olha para a porta. Vai até o interfone.

ALBERTO

Alô, portaria? Alôôô. Não tem ninguém aí?

Alô, o que tá acontecendo aí embaixo?

Alô!

Alberto desiste do interfone, que coloca de volta com força no lugar. Vai até o telefone, tira do gancho e ouve sinal de ocupado. Liga e desliga repetidas vezes, com rápidas batidas do indicador, mas segue o sinal de ocupado. Desiste.

18. INT SALA – NOITE

O mesmo telefone toca. Alberto, com roupa de inverno, atende.

ALBERTO

Alô? (pausa)

Oi, Vicente. (pausa)

Má notícia? (pausa)

Como assim? Vocês tão censurando o meu livro, é isso? (pausa)

Que processo, Vicente, pára com isso.

Eu mudei todos os nomes.

E também não tô contando nenhuma novidade. Todo mundo sabe como é que funciona a nossa imprensa.

(pausa).

Não, não preciso deles pra vender nada. (pausa)

Eu não acredito. Cara, vocês ainda vão se arrepender disso. Ouve o que eu tô falando. Ainda vão se arrepender.

Alberto bate o telefone.

19. INT. SALA – DIA

Alberto, suado, olha fixo para o telefone no gancho. Vai até uma estante cheia de livros e acaricia a lombada de um livro onde se lê: *Dias estrelados* – Alberto Ferreira. Tira o exemplar da prateleira e abre na primeira página.

20. INT. LIVRARIA- NOITE

Na primeira página do livro, Alberto, sorridente e bem-vestido, escreve: *Para o amigo e editor Vicente, com o maior dos abraços*. Há uma grande fila, com cerca de TRINTA PESSOAS, esperando por autógrafos. TRÊS GARÇONS servem vinho e canapés a outras DEZENAS DE CONVIDADOS.

21. INT. SALA – DIA

Alberto fecha o livro e põe de volta na estante. Pega outro livro, com reproduções de Van Gogh, senta-se no sofá e começa a folheá-lo. Primeiro se detém na reprodução dos corvos no campo de trigo. Depois, em um auto-retrato de Van Gogh com um curativo na orelha. Ao lado do sofá, há um toca-discos de vinil, já com um disco no prato. Ele olha fixo para o chão, depois desvia o olhar para o toca-discos. Liga o aparelho, a luzinha vermelha acende, mas quando a agulha é levada ao disco, ele não gira. Alberto tem lágrimas nos olhos.

22. INT. SALA - NOITE

Alberto, de terno e gravata, leva a agulha ao mesmo disco, que toca a romântica *Speak low*, de Kurt Weill. Ele se dirige a Clarissa, que está sentada no sofá. Na mesa ao lado, copos de champanha quase vazios, a garrafa em um balde de gelo, alguns canapés na bandeja:

ALBERTO

Não sei por que, mas essa eu prefiro
ouvir no vinil.
Quer dançar?

Os dois dançam de rosto colado. Clarissa se afasta e fala alguma coisa baixinho ao ouvido de Alberto, que sorri. Voltam a unir os rostos. No prato, o disco vai parando de rodar, sai de rotação e pára totalmente.

23. INT. SALA - DIA

Alberto observa o disco parado. Vai até o aparelho de som mais moderno e tenta ligar o rádio. Sem êxito: nem o rádio, nem o CD, nem o toca-fitas funcionam. Ele está suando muito e, rapidamente, começa a tentar ligar outros aparelhos eletrônicos da sala. Tenta o computador, mas ele não funciona. Tenta um ventilador menor, de mesa. Nada. Abre uma gaveta, pega um rádio de pilha e coloca pilhas novas. Nada. Corre em direção à cozinha.

24. INT. COZINHA - DIA

Ele tenta o microondas, o fogão elétrico, a batedeira, o liquidificador. Verifica novamente se está faltando luz, mas não é o caso. Abre a geladeira e toma o resto da água. A cozinha é ligada à área, para onde Alberto segue e tenta abrir a torneira do tanque e ligar as máquinas de lavar e secar roupa, sempre sem conseguir.

25. INT. SALA - DIA

Apavorado, Alberto segue em direção à porta e consegue virar a chave. Mas ao girar o trinco, a porta não abre. Ele tapa o rosto com as mãos. Olha-se em um espelho e faz sinal para ele mesmo ter calma. Força a porta, apoiando o pé na parede, sem conseguir abri-la. Com expressão atormentada, se dirige ao telefone, que tira do gancho devagar, com medo: o aparelho novamente não dá linha, só sinal de ocupado. Tenta o celular, duas vezes, e ouve sempre:

GRAVAÇÃO

Este aparelho está fora da área de cobertura ou desligado.

O celular indica pouca bateria e desliga. Alberto vai até o interfone:

ALBERTO

Alô, portaria! Alô Genésio! Qualquer pessoa, socorro! Por favor, me ajudem!

26. INT. PORTARIA - DIA

O porteiro GENÉSIO assiste a uma partida de futebol, através de uma pequena televisão em sua mesa. O interfone está ao lado, mas nenhum som sai dali.

27. INT. SALA - DIA

Alberto ainda chama pelo porteiro, agora mais desanimado, diminuindo o volume de voz e choramingando.

ALBERTO

Genésio... Por favor.

Ele volta a tentar abrir a porta, com violência. Olha pelo olho mágico, não vê ninguém. Grita por socorro, tenta inutilmente arrombar a porta, com a força de seu ombro. Sente dor, mas não atinge seu objetivo. Chuta a porta e, desesperado, vai em direção ao quarto.

28. INT. QUARTO - DIA

Alberto abre uma gaveta, revira alguns livros e se detém em um porta-retrato com uma foto sua e de Clarissa de rosto colado. Em baixo do porta-retratos, está um revólver. Ele pega a arma, colocando o porta-retrato com a foto virada para baixo e fechando a gaveta. Da gaveta de baixo, tira uma caixa de munição. Com as mãos trêmulas, coloca balas e sai.

29. CENA DE MONTAGEM INT.

SALA/QUARTO/BANHEIRO/COZINHA/ÁREA DE SERVIÇO– DIA

Alberto toma distância e mira em direção ao trinco da porta. O revólver não dispara. Ele tenta atirar para o alto, mas não acontece nada. Agora ele alterna expressões de choro e de riso. Encosta-se na parede e resvala até sentar-se no chão, rindo e soluçando. Alberto começa a brincar com a arma: mira no espelho e puxa o gatilho, sem que o revólver dispare, “atira” contra a porta, contra o próprio pé, contra o espelho novamente, finge atirar contra o próprio ouvido, contra a luz e alterna mais uma vez esses “tiros” com a arma que não funciona. O clima é claustrofóbico. Enquanto vemos o delírio de Alberto, que aciona o gatilho sem parar, uma seqüência de imagens passa a ser vista alternadamente ao detalhe do gatilho sendo acionado: a sombra das pás do ventilador de teto move-se, lentamente; a torneira da pia do banheiro começa a pingar; o chuveiro pinga um pouco; a TV dá uma piscadela; o disco gira um pouco no prato. De repente, um jato sai da torneira do banheiro, o ventilador dispara; a batedeira, o liquidificador, o fogão, o microondas, a TV, o rádio, o computador, as máquinas de lavar e secar roupa, o ventilador pequeno, o chuveiro, todos começam a funcionar ao mesmo tempo, numa confusão de sons. Essas imagens são vistas alternadamente a mais uma tentativa de Alberto de puxar o gatilho: em *slow*, vemos o gatilho sendo aos poucos puxado. O telefone toca. O celular também. O gatilho termina de ser puxado. Ouve-se um tiro.

30. EXT. EM FRENTE AO PRÉDIO DE ALBERTO - DIA

Clarissa está ao telefone celular, ao lado da ambulância, olhando para o alto. O telefone da sinal que está chamando, mas ninguém atende. Preocupada, ela desliga. Ouve um tiro e se assusta.

31. INT. SALA - DIA

Água e sangue correm pelo chão, misturando-se. Dois enfermeiros levam uma maca para fora do apartamento. Som de TV e CD.

32. INT. COZINHA - DIA

Um policial fecha a torneira da cozinha - a pia já transbordava.

33. INT. SALA - DIA

Outro policial desliga o som e se dirige para desligar a TV, mas pára e ouve a reportagem.

REPÓRTER

Depois de ouvir um tiro, a Polícia finalmente decidiu arrombar o apartamento do escritor Alberto Ferreira, que fica aqui neste prédio da avenida Ganzo. Até agora ninguém sabe o que aconteceu lá dentro. Um vizinho do escritor resolveu chamar a polícia porque estranhou o intenso barulho que vinha do seu apartamento, tocou a campainha várias vezes e não foi atendido. Os policiais tentaram falar com Alberto Ferreira pelo interfone, mas também não tiveram sucesso. Eles subiram acompanhados por uma equipe médica e pela mulher do escritor, a jornalista Clarissa Fernandes.

A câmera se afasta da TV e se aproxima da janela, enquanto prossegue o off da repórter.

34. EXT. VISTA DA JANELA - DIA

A rua está movimentada: muitos curiosos, a ambulância, carros de polícia, dois policiais e a equipe de televisão.

REPÓRTER (OFF)

A imprensa não foi autorizada a subir. A informação que nós temos é de que houve novas tentativas de contato antes do arrombamento, todas mal-sucedidas.

35. EXT. EM FRENTE AO PRÉDIO – DIA

A REPÓRTER segue com o boletim, o prédio ao fundo, com uma faixa de isolamento que separa a ambulância e o edifício da equipe de TV e dos curiosos.

REPÓRTER

Clarissa ainda tentou falar com Alberto Ferreira pelo celular, mas as ligações não foram atendidas. Muito nervosa, ela não quis fazer declarações. O vizinho do apartamento em frente também não quis gravar entrevistas nem se identificar, mas disse que o autor de *Dias estrelados* e *Ausência impossível* quase não saía de casa nas últimas semanas. O vizinho contou ainda que Clarissa não aparecia no prédio há quase um mês, mas não confirmou se eles estariam separados. A qualquer momento, voltamos com novas informações. Maria Cristina Andrade, para o plantão do Repórter Urgente.

36. EXT. VISTA DA JANELA – DIA

Dois enfermeiros e UM MÉDICO saem do prédio carregando a maca, apressados, em direção à ambulância. Clarissa se aproxima da maca. A equipe de reportagem fura o cerco e se aproxima do médico; um policial tenta afastá-los.

37. EM FRENTE AO PRÉDIO – DIA

A repórter força a entrevista.

REPÓRTER

Ele está muito ferido? O que houve lá dentro?

MÉDICO

Está tudo bem, foi apenas um acidente.

Clarissa pega a mão de Alberto, que está com um curativo na orelha. Os dois se olham sorrindo.

38. INT. QUARTO - DIA

Ao som de *Speak low*, o bichinho de corda anda pela prateleira do quarto.